

Filósofo, poeta e Goliardo: dois poemas de Abelardo?

Prof^a Dr^a Giovanna Marina Giffoni (CEDERJ/UFF)

Resumo: O artigo apresenta uma introdução (seguida de tradução) a dois poemas em latim medieval, atribuídos controvertidamente ao filósofo Pedro Abelardo, que integram a antologia do século XIII conhecida como *Carmina Burana*.

Palavras-chave: latim medieval; poetas goliardos; *Carmina Burana*; Pedro Abelardo.

Philosopher, poet and Goliard: two poems of Abelard?

Abstract: The paper presents an introduction (followed by a translation) to two poems in medieval latin, controversially attributed to the philosopher Peter Abelard, from the XIIIth century anthology known as *Carmina Burana*.

Keywords: medieval latin; goliard poets; *Carmina Burana*; Peter Abelard.

Introdução

Os poemas que experimentei traduzir compõem a coletânea de poesia dos séculos XI, XII e XIII (a maior parte em latim medieval) contida num manuscrito descoberto em 1803 num mosteiro beneditino em Benediktbeuern, onde atualmente funciona a Biblioteca Estadual da Bavária, em Munique. É o famoso Codex Buranus (CB), contendo a conhecida antologia *Carmina Burana* ou *Canções de Beuern*, em português, composta originalmente de 228 poemas¹, compilados no século XIII por três copistas diferentes.

Apenas uma pequena parte desses poemas, porém, tem autoria identificada, e seus autores nos chegam quase um nome, quase anônimos, na medida em que muito pouco ou quase nada se sabe sobre eles². A questão do anonimato é sempre de muito interesse, principalmente em se tratando de Idade Média, quando ocorre uma distensão em dois

1 Uma miscelânea de textos, entre hinos e peças teatrais de cunho religioso e canções germânicas, foi acrescida posteriormente, totalizando 254 poemas.

2 Com exceção do Arquipoeta, autor da famosa Confissão de Golias (CB 191), Hugo de Orleans (Primas) e Walter de Châtillon.

conceitos norteadores e cerceantes da cultura letrada: autenticidade e autoria. Na verdade, seja qual for o período numa história linear do tempo, o Anônimo é sempre o autor de mais prestígio em suas antologias, seguido pelo Apócrifo, naturalmente.

Voltemos ao nosso manuscrito. A maioria dos poemas dos *Carmina Burana* integra a segunda parte da coletânea (CB 56-186), de temática primaveril/amorosa. É aí que se encontram os escolhidos para esta pequena prova. *Dum Diane vitrea* e *Hebet sidus leti visus* – CB 62 e CB 169, respectivamente – são duas composições anônimas que, juntamente com outras seis, foram atribuídas por alguns estudiosos do passado³, de modo um tanto fabuloso, ao filósofo Pedro Abelardo (1079-1142).

O adjetivo “fabuloso” aqui, como menos ou pouco científico, não intenta qualquer insinuação depreciativa. Ao contrário, seu precário cientificismo é que mais fascina nesta era. É o que Walsh (1993) chama de “atraente especulação”. Tomemos a expressão por seu primeiro termo, porque ela nos atrai, como uma trama. Além disso, certidão e documento também são narrativa, são também fabulação, só que muito mais insípida. E, como aqui se quer o saboroso, aceita-se de bom grado essa autoria de Abelardo, resguardando-se, certamente, de querer prová-la. Outros já o intentaram sem aprovação. Mas vamos a prová-la.

Sua biografia é bem conhecida de todos, e foi por ele mesmo escrita, por volta de 1132, em *História das minhas calamidades* (*Historia Calamitatum* ou *Abaelardi ad Amicum Suum Consolatoria*), uma carta autobiográfica que escreve a um amigo para consolá-lo, relatando-lhe suas próprias desventuras. Com clara influência da agostiniana *Confissões*, em meio a um rol de conquistas e desventuras em seu percurso intelectual, o texto dá a conhecer o caso de amor com a sua pupila Heloísa, romance que supera em fama ao próprio Abelardo filósofo e o descortina como homem. Sua humana trajetória também se pode acompanhar através de sua correspondência com a amante, por iniciativa desta, motivada por aquela primeira carta de Abelardo ao seu amigo.

Antes de conhecê-la, porém, como ele mesmo relata em sua *História*, levava uma vida quase ascética, o que parece ter sido bem incomum entre os demais frequentadores dos

3 Segundo Wicher (1949), nomes como Max Manitius e Philip Schuyler Allen, sendo este o de maior ousadia e controvérsia, como também atesta Walsh (1993).

primeiros centros de estudos europeus. Estes centros, como se sabe, baseavam-se, em geral, em monastérios católicos, entretanto, os jovens discípulos e mestres não eram obrigados necessariamente a abraçar a vida monástica, e havia, portanto, clérigos religiosos e leigos. Na verdade, muitos buscavam os estudos apenas para fugir da miséria⁴, mas sua conduta por vezes contrastava demais com a sacra austeridade do meio em que viviam e por isso, a fama de monges devassos, bebedores, os precede.

São os clérigos vagantes, que, ao peripateticamente perseguir seus mestres e currículos⁵ de predileção, faziam também das tavernas suas universidades itinerantes. São os poetas “goliardos”, alcunha de etimologia duvidosa⁶ e que parece ter sido concebida especial e pejorativamente para o próprio Pedro Abelardo, numa carta que São Bernardo de Claraval, seu inimigo, escreve para o Papa Inocêncio II. Assim, Abelardo, como aponta Le Goff, não só é o primeiro *professor* nesse iniciante meio intelectual europeu, mas também o membro honorário dessa confraria errante.

Os goliardos perambulavam de cidade em cidade, bebendo, jogando e compondo canções profanas, amorosas, báquicas, luxuriosas, e satíricas, recolhidas, principalmente em duas antologias – os *Carmina Burana* e os *Carmina Cantabrigiensia*. Brindavam ao amor natural, e constantemente reivindicavam para os clérigos – leigos ou não! – os prazeres da carne ao mesmo tempo em que criticavam o casamento⁷. Suas sátiras tinham como alvo preferido os religiosos e os dogmas da Igreja, expondo-os ao ridículo de seus excessos e hipocrisia, e isso lhes faria, mais tarde, após a farra, amargar uma dura ressaca.

Porém, o gosto amargo quase sempre já se sente antes da entrega aos vícios. Vem, novamente, o gosto antes da prova, o sabor precedendo o saber. É acordar de manhã e sentir o gosto acre da vida e dos valores que nos cercam. Há, portanto, uma ressaca de amargura a prefigurar a conduta desses monges. Sua poética está permeada de consciência da transitoriedade do mundo, da ilusão dos que se fiam em dogmas religiosos, da incerteza da

4 O que Segismundo Spina (1991) chama de “proletariado intelectual de estudantes e clérigos que procuravam cursos de teologia, gramática e estudos clássicos. (p.27)”

5 Paris, para as Artes Liberais; Orleans, para o Direito; Salerno, para a Medicina; e lugar nenhum para Moral e Bons costumes. Cf. Walsh (1993, xiv)

6 O termo tem sido associado comumente a Golias, como inimigo dos eleitos de Deus, símbolo de oposição ao Sagrado, e à glotoneria, enfatizando o comportamento fanfarrão desses poetas.

7 E, ainda nesse período, o crescente culto mariano vê a mulher começar a ser liberada da obrigação matrimonial, mesmo que sob novo jugo, de uma virgindade (con)sagrada.

salvação. A partir daí iniciam-se as aventuras nas tavernas descritas minuciosamente, como o lugar da liberdade, do jogo e, principalmente, do esquecimento do destino triste do homem.

Para amargas constatações, doce embriaguez, que, por fim, deixará *um acre sabor na boca*. A poesia dos goliardos é um vivo retrato das tensões entre o sagrado e o profano durante a Idade Média, que, por ser tão vivo muito incomodou as autoridades eclesiásticas, provocando duas medidas extremas da Igreja: o Concílio de Würzburg (1287) e o sínodo de Salzburg (1292), este ordenando o abandono da “seita” no prazo de um mês⁸. E o que era doce acabou...

Os poemas

A escolha dos poemas, como já se disse, deveu-se a uma “atraente especulação”, cuja atratividade já creio ter justificado. Detenhamo-nos agora sobre a especulação.

Não é completamente às trevas que se lança a romântica opinião sobre a sua autoria. Bem como o termo “fábula”, anteriormente utilizado, “romântica” também não quer emitir juízo de valor inferiorizante. É romântica a opinião em prol de Abelardo porque nasce e ganha corpo entre os séculos XVIII e XIX. É no século XVIII que as cartas trocadas por Abelardo e Heloísa começam a ser traduzidas do latim (em que foram primeiramente editadas, por volta de 1616) e, conseqüentemente, a Europa vê a crescente popularidade do casal como modelo de amor romântico – frustrado, porém constante, perdurando depois da morte. A *História das minhas calamidades* só viria a ser publicada em 1841. Assim, em 1847, quando há uma primeira edição completa de CB, a reputação dos dois amantes intelectuais já estava bem constituída. Isso e os vários indícios da produção poética do amador-filósofo colhidos nas cartas formaram o cenário perfeito para fazer do sóbrio autor de *Lógica para principiantes* (1121) a apaixonada voz de oito das Canções.

HEBET SIDUS LETI VISUS (CB 169)

⁸ Le Goff (1984) sugere ainda como decisivo para a sua dissolução o estabelecimento de grandes centros de estudo e produção de conhecimento em sedes permanentes – as novas universidades que começam a surgir.

Na primeira carta de Heloísa a Abelardo, lê-se: “Através dos teus versos punhas na boca de todos o nome da tua Heloísa”. Eis o grande mote sobre o qual glosaram os partidários de Abelardo neste poema – o nome de Heloísa, que o amor cortês e erudito do filósofo teria sabido preservar, segredando-o (ou secretando-o) no aparente jogo etimológico do verso 11, em que diz que o nome de sua amada brilha com a luz de Phebo – o próprio sol, *Helios*.

1- Hebet sidus leti visus⁹

cordis nubilo
tepet oris mei risus
carens iubilo;
iure mereo,
occultatur nam proprinqua,
cordis virga florens, in qua
totus hereo.

2- In amoris hec chorea

cunctis prenitet,
cuius nomen a Phebea
luce renitet,
et pro speculo
servit polo: illam colo
eam volo nutu solo
in hoc seculo.

3- Tempus queror tam diurne

solitudinis,
qui furabar vi nocturne
aptitudinis,
oris basia,

⁹ Texto latino em WHICHER, 1949, p. 72.

a quo stillat cinnamomum
et rimatur cordis domum
dulcis cassia.

- 4- Tabet, illa tamen caret
spes solatii,
iuvenilis flos exaret:
tanti spatii
intercisio
annulletur, et secura
adjunctivis prestat iura
hec divisio.

Tradução

- 1- Morre à face leda a estrela
nubla o coração
o rir dos lábios congela
sem inspiração
tal sou eu o juro
pois oculta de mim longe
a flor pendão de amor onde
todo eu me seguro

- 2- Ela que de Amor na dança
às demais conduz
ela cujo nome lança
luz com *pheba* luz
de que o polo é espelho
só a ela rendo culto
dela só um breve vulto
tudo o que eu espero

3- Dia há que se lamente
tanta solidão
quem roubou furtivamente
tamanha aptidão
beijos de uma boca
donde cinamomo exala
e doce cássia resvala
no peito a que toca

4- Ela agora se consome
sem consolação
murcha a flor da juventude
Se a separação
ah, se este revés
nulo fosse e essa secura
predissesse as nossas juras
de um tempo atrás

Comentários

Este é um dos poemas mais originais da lírica amorosa das *Canções de Beuern*. Seu esquema rítmico diferenciado é conseguido através de rimas que se alternam à medida da alternância no padrão silábico. O jogo com as rimas era bastante praticado pelos poetas desse período, que estavam descobrindo novas formas poéticas, diferentes dos hexâmetros e pentâmetros quantitativos da poesia clássica.

A rima, empregada com desenvoltura no poema acima, é, pois, uma característica das mais marcantes da lírica latina medieval. Na tradução, tentei manter o máximo possível essa musicalidade, valendo-me dos versos mais populares de língua portuguesa – o heptassilábico e o pentassilábico, redondilha maior e menor, respectivamente. Quanto ao sentido, procurei, igualmente, mantê-lo o mais próximo ao original, mas, algumas vezes, ao

sabor do ritmo, algumas mudanças foram necessárias, especialmente no padrão sintático, de onde se tem, pois, um misto de tradução literal e literária.

DUM DIANE VITREA (CB 62)

“As aulas, então, tinham em mim um expositor negligente e indiferente, de tal modo que eu já nada proferia servindo-me do engenho, mas repetia tudo mecanicamente, e já não passava de um repetidor dos meus primeiros achados e, se fosse possível ainda achar algo, seriam versos de amor e não os segredos da filosofia. A maior parte desses versos, como tu próprio o sabes, ainda são repetidos e cantados em várias regiões, principalmente por aqueles aos quais encanta semelhante vida.” (Abelardo: 1988, 263).

As agitações do amor, a embriaguez do vinho, e as questões filosóficas nunca deixam dormir aos notívagos poetas. Por isso, este poema traz um tema incomum aos goliardos: o sono e todo o seu campo fértil. A lua, as estrelas, o orvalho, e o encantador de sonhos, Morfeu, são os protagonistas dessas 4 estrofes de ritmo igualmente estranho, sem padrão identificável.

Os versos descortinam um panorama propício ao sono, com todos os elementos entorpecentes não só do corpo, mas dos cuidados humanos, em especial, o amor. As inquietações amorosas são como uma criança agitada que se quer convencer a dormir, nesta espécie de acalanto para adultos, com promessas de maior prazer que o da vigília.

Nesse estranho desenho, de quase desdém à diurna “realidade”¹⁰, é que se pode ver, (in)s/certo como em sonho, um Abelardo insone de desejo pelas horas de sono mais propícias, ou, ao menos, mais serenas, sedativas das dores corporais de quem sofreu castigo.

1- Dum Diane vitrea

sero lampas oritur

10 O que também dialoga com o 1º verso da 3ª estrofe do poema anterior.

et a fratris rosea
luce dum succenditur,
dulcis aura zephyri
spirans omnes etheri
nubes tollit;
sic emollit
vi chordarum pectora,
et immutat
cor, quod nutat
ad amoris pignora.

2- Letum iubar hesperi
gratiorem
dat humorem
roris soporiferi
mortalium generi.

3- O quam felix est
antidotum soporis,
quot curarum tempestates
sedat et doloris!
Dum surrepit clausis
oculorum poris,
gaudio equiparat
dulcedini amoris.

4- Morpheus in mentem
trahit impellentem
ventum lenem,
segetes maturas,
murmura rivorum
per arenas puras,
circulares ambitus

molendinorum,
qui furantur somno
lumen oculorum.

Tradução

- 1- À noite, quando se levanta
a lâmpada de vidro de Diana
pela rósea luz de seu irmão acesa
zeferina sopra suave brisa
e afasta do céu todas as nuvens
Do mesmo modo tranquiliza
pelo som das cordas desse vento
o coração dos homens
e lhe muda o tento
que se dobra às penas de amor
- 2- O esplendor de estrelas radiantes
a toda humana raça despeja
sonífera poção, sereno,
benfazeja
- 3- Oh, que eficaz
essa fórmula do sono
que seda as tempestades
dos cuidados e das dores
E rastejando secreto
nos túneis oculares
com seu prazer se equipara
às delícias dos amores
- 4- Morfeu sussurra à mente
um vento brando

que inclina espigas duras
murmúrios de rios
por areias puras
e circular caminho
das trações de moinho
que furtam no sono
a luz dos nossos olhos

Comentário

O poema ainda apresenta mais quatro estrofes, que são alvo de polêmica desde que Alfons Hilka e Otto Schumann os excluíram na primeira edição crítica dos *Carmina*, em 1930¹¹, por deduzirem se tratar de suplementos. Peter Dronke, entretanto, restaura-os em *Medieval Latin and the rise of European love lyric* (Oxford, 1965), e só por isso aparece também em Walsh (1993), que discorda de sua fidedignidade por serem muito dissonantes em relação às 4 primeiras, estragando-lhes o sabor de tema tão original. Assim, apesar de figurarem na edição de que me servi para o texto latino (que se baseia em lições ainda mais antigas que a de Meyer, fundamental à edição crítica mencionada), convenci-me de seus argumentos, e decidi por bem não acrescentá-los, para não estragar o paladar aos leitores e evitar possíveis acadêmicos dissabores.

Conclusão

Discussão inconclusiva, proposta sem conclusão. Pois é, no fim, tudo especulação. Por fim é tudo especulado. Caco de espelho embaçado, mas queremos provar o opaco.

Referências Bibliográficas

ABELARDO, Pedro. *História das minhas calamidades*. Trad. Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores: Santo Anselmo, Pedro Abelardo).

11 *Carmina Burana*. Mit Benutzung der Vorarbeiten Wilhelm Meyers kritisch hg. v. Alfons Hilka und Otto Schumann, 2 vols, Heidelberg 1930.

- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CARMINA Burana: Canções de Beuern. Tradução, apresentação e notas de João José de Melo Franco. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2009.
- CORRESPONDÊNCIA de Abelardo e Heloísa. Texto apresentado por Paul Zumthor. Tradução Lúcia Santana Martins. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HAREN, Michael. *Medieval Thought: the western intellectual tradition from Antiquity to the 13th century*. London: Macmillan, 1985.
- LAUAND, Luiz Jean (org.). *Cultura e educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1984.
- ROBERTSON JR, W. D. *Two poems from the Carmina Burana*. ABR 27: 1 – Março de 1976. Artigo em PDF disponível em:
https://msuweb.montclair.edu/~furg/chaucer/pdf/robertson_burana76.pdf
Acesso em 8 de maio de 2015.
- SHEERIN, Daniel. Christian and biblical latin. In: MANTELLO, F. A. C., RIGG, A. G. (Ed.). *Medieval latin: an introduction and bibliographical guide*. Washington: The Catholic University Press, 1996.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1991.
- WALSH, P. G. *Love lyrics from the Carmina Burana*. Chapel Hill: UNC Press, 1993.
- WHICHER, George F. *The goliard poets: medieval latin songs and satires*. New York: New Directions, 1949.